

Percepções de mulheres rurais de uma comunidade do interior do município de Joaçaba, SC em relação à sexualidade

Viviane Gregoleti*
Zamir Doile Macedo**

Resumo

A sexualidade foi e ainda é considerada um assunto restrito ao universo pessoal. Em razão disso, é um campo desafiador, que continua despertando dúvidas e curiosidades, principalmente em relação à sexualidade da mulher rural. Ante essa realidade, o presente estudo objetiva investigar mitos, crenças, preconceitos e tabus sobre a sexualidade no cotidiano das mulheres rurais, identificar o modo em que vivenciam ou expressam sua própria sexualidade, bem como descrever o conceito que as mulheres rurais têm a respeito da sexualidade. Os dados foram coletados por meio de um questionário semiestruturado, respondido individualmente. Observou-se uma grande influência da cultura e da religião na educação das mulheres rurais, contribuindo para a formação de mitos, preconceitos e tabus; em virtude disso, possuem dificuldades em se expressar sexualmente, negligenciando o próprio prazer em detrimento à moral e aos bons costumes. Palavras-chave: Sexualidade feminina. Mulheres rurais. Sexualidade e cultura.

1 INTRODUÇÃO

Há diversas pesquisas produzidas nacional e internacionalmente que enfatizam a sexualidade humana e a feminina, porém, trabalhos específicos sobre a sexualidade da mulher rural são ainda escassos. Assim, a pouca produção científica quanto a esse assunto é um fator relevante para a busca de novas informações a respeito da sexualidade do público rural, despertando com isso, o interesse em produzir conhecimento e a pesquisar a questão da percepção da sexualidade de mulheres rurais.

Ante essa realidade, o presente estudo objetiva investigar mitos, crenças, preconceitos e tabus sobre a sexualidade no cotidiano das mulheres rurais, identificar o modo em que vivenciam ou expressam sua própria sexualidade, bem como, descrever o conceito que as mulheres rurais têm a respeito da sexualidade.

A sexualidade sempre foi alvo de moralismos e preconceitos. Desde os primórdios, a sociedade procura esconder e pouco expressar a sexualidade, limitando assuntos relacionados a ela. Boch, Furtado e Teixeira (1999, p. 229) ressaltam que: "Apesar de ser a nossa sexualidade ela nos aparece como algo incógnito, repleto de preconceitos, de moralismo, de dúvidas, de informações incorretas. Este paradoxo do desconhecimento de algo tão nosso tem feito do sexo um tabu."

Para resgatar esse fator importante da expressão e condição humana, é necessário compreender os aspectos físicos, psíquicos, sociais e culturais envolvidos em tal temática. Nesse sentido, é importante diferenciar e definir sexo, sexologia e sexualidade.

* Acadêmica do Curso de Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), *Campus* de Joaçaba; vivigregoleti@yahoo.com.br

** Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), (2005); professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina; zamir.macedo@unoesc.edu.br

Segundo Calderelli (1972, p. 666), o termo “sexo é nomeado como a conformação característica que diferencia o macho da fêmea nas diversas espécies” e, sexologia, definida pelo mesmo autor “[...] é a investigação sistemática dos problemas relacionados ao sexo, estudo e tratamento dos transtornos da sexualidade.”

Ampliando horizontes em relação à sexualidade humana, Freud, com a teoria psicanalítica, veio contribuir com seus estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento da sexualidade. Formulou e contextualizou a teoria psicosssexual, usada desde então para entender o funcionamento e desenvolvimento sexual humano.

A sexualidade compreende fatores distintos inerentes ao ser humano, os quais fazem parte de sua personalidade, algo muito maior do que simplesmente o prazer sexual. Conforme Santos (2003, p. 26) “Entende-se por sexual todo comportamento que, partindo de uma região erógena do corpo (boca, olhos, voz, pele) e apoiando-se numa fantasia, proporciona algum tipo de prazer, através dos quais as pulsões sexuais se exprimem.” Logo, a sexualidade é intrínseca ao sujeito, fazendo parte de sua totalidade.

Em relação à sexualidade das mulheres rurais, estas ainda sofrem com a invisibilidade, fruto de um processo histórico e cultural que as coloca em uma condição um tanto inferior, de submissão e subserviência, sendo vitimizadas e sofrendo em silêncio. “As mulheres da área rural também são mais submetidas à violência do que as da área urbana”, congregando a um conjunto de valores ainda cultivados, imprimindo à mulher rural um papel de inferioridade (VASQUEZ, 2009, p. 859).

De acordo com Kusnetzoff (1988, p. 46), “As mulheres podem vivenciar sua sexualidade, com intensidade, plenitude, prazer e liberdade, não há razão para não vivenciá-la a não serem as artificialmente impostas pelos costumes.” Isso quer dizer que a cultura pode exercer influências na expressão da sexualidade das mulheres, contribuindo com a repressão.

2 MÉTODO

A pesquisa desenvolvida é de natureza descritiva com abordagem qualitativa.

2.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Foram participantes deste estudo 10 mulheres rurais pertencentes a uma comunidade do interior do município de Joaçaba, SC. Para participar da pesquisa, estabeleceram-se alguns critérios: mulheres casadas e/ou solteiras, sexualmente ativas, independente de cor, raça, credo ou religião, residentes na área rural e com idades entre 24 e 76 anos.

2.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado formulado pelas pesquisadoras, contendo 19 questões, aplicado de forma individual. Este, antes de ser aplicado nos sujeitos da pesquisa, foi validado por meio da aplicação em uma pequena amostra de seis sujeitos com características semelhantes as do grupo a ser investigado.

2.3 PROCEDIMENTOS

Primeiramente, foi realizado o contato telefônico com a presidente do grupo de mulheres rurais da comunidade a ser estudada, e posteriormente, agendada uma data para a aplicação do questionário.

Respectivamente, no mês de julho, ocorreu a aplicação dos referidos questionários. Foi explicado para todo o grupo de mulheres que o presente estudo se tratava de um trabalho de conclusão de curso do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Após as partes lerem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o questionário foi respondido de forma individual, em uma sala distante do grupo. As participantes foram protegidas quanto às suas informações, pois a distância não permitia que o grupo escutasse o que era relatado pelas entrevistadas.

Ainda a esse respeito, alguns questionários foram transcritos pelo próprio punho da pesquisadora, atendendo a uma solicitação de algumas entrevistadas, uma vez que são semianalfabetas ou analfabetas e não compreendem a leitura e a escrita. Dessa forma, a pesquisadora realizava a leitura das perguntas e transcrevia as respostas tal e qual eram fornecidas pelas pesquisadas. Após a coleta dos dados, estes foram agrupados e analisados de acordo com as referências teóricas que embasam o presente estudo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os sujeitos da pesquisa foram caracterizados de acordo com: idade, religião, estado civil, quantidade de filhos, moradia, com quem mora e grau de instrução.

Em relação à idade, os sujeitos da pesquisa oscilaram entre 24 e 76 anos, considerando que o sujeito G está dentro da faixa etária dos 20 a 30 anos; os sujeitos, A e E estão na faixa etária dos 30 aos 40 anos; os D e F estão na faixa etária dos 40 aos 50 anos; os sujeitos B, C, H, e J estão na faixa etária dos 50 aos 60 anos, o sujeito I está na faixa etária dos 70 aos 80 anos.

A religião foi um dado homogêneo no grupo, todos os sujeitos responderam fazer parte da religião católica; quanto ao estado civil, a maioria dos sujeitos são casados, exceto a entrevistada B, que respondeu ser viúva. Em relação à quantidade de filhos, os sujeitos A, D, G e J têm apenas um filho; já os sujeitos B, E, F, I, possuem dois filhos cada; o sujeito C possui três filhos e o sujeito H cinco. No que diz respeito à moradia, todos possuem casa própria. No quesito com quem moram, os sujeitos A, D, E, F, G e H, moram com esposo e filhos, os sujeitos C, I e J moram somente com esposo e o sujeito B mora sozinho.

Referente ao grau de instrução, os sujeitos B, C e I possuem o ensino fundamental incompleto, porém, não foram efetivamente alfabetizados; os sujeitos J, A, E e H possuem o ensino fundamental completo; os sujeitos D e F possuem o ensino médio completo, e, o sujeito G, possui ensino superior completo e especialização.

Quanto às respostas das mulheres rurais sobre a educação sexual, elencaram-se 23 ocorrências, sendo 1 destas com 8 ocorrências e proporção de 0,35 para a resposta "pouca informação"; com 3 ocorrências cada e proporção de 0,13 foram "aprendeu entre amigas" e "rígida"; com 2 ocorrências cada e proporção de 0,08 foram as respostas "não obteve", "casou virgem" e "aprendeu na escola"; já com 1 indicação cada e proporção de 0,05, as demais respostas "aprendeu com o namorado", "aprendeu depois de casada" e a "mãe e as irmãs ensinavam."

Em relação aos dados obtidos a respeito da educação sexual, a maioria das mulheres rurais relataram ter obtido pouca ou nenhuma informação concernente à sexualidade em seus contextos familiares, procurando cautelosamente confidenciar suas dúvidas, incertezas e curiosidades com as amigas, pessoas de confiança e que compartilhavam das mesmas angústias.

Gualda e Ressel (2003, p. 86) destacam que "[...] os pais conversavam pouquíssimo com suas filhas sobre a sexualidade e as orientações eram dadas como "alertas" ou "proibições", por meio da repressão, dando vazão ao controle social e cultural." A rigidez, repressão, falta de diálogo e orientação também foram características da educação das mulheres pesquisadas.

Um aspecto que determinava a cultura de antigamente, em que as mulheres eram educadas apenas para os trabalhos domésticos, proibidas de qualquer manifestação erótica ou sexual, seguindo a psicanálise de Freud, a educação feminina sofre influências principalmente da religião, como discorre Freud (1908 apud DOMINGUES, 2008, p. 67):

A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. Assim a educação as afasta de qualquer forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor. Essa interdição do pensamento estende-se além do setor sexual, em parte através de associações inevitáveis, em parte automaticamente, como a interdição do pensamento religioso e a proibição de idéias sobre a lealdade entre os cidadãos fiéis.

A ideia da sexualidade como pecaminosa e suja, que não deveria ser pensada nem praticada, advém de uma educação reprimida na qual a religião detém grande responsabilidade, como comenta Domingues (2008, p. 19-20): “[...] a igreja católica contribuía com a crença de que ao afirmar que uma mulher possuída pelo desejo é uma personificação do mal.”

Ainda, referente à igreja, a sexualidade sempre foi limitada e restrita à reprodução humana. Santos (2008, p. 7) assim relata: “A vivência da sexualidade não pode ficar excluída da ética cristã e reduzida a um nível meramente pulsional, por sua natureza, a sexualidade encontra-se aberta à geração de novas vidas.”

Nesse sentido, convém mencionar os depoimentos de algumas pesquisadas em relação à educação sexual, demonstrando o reflexo da educação que receberam, a qual teve grande influência da religião, pela repressão sofrida e os limites encontrados quanto à sexualidade: “foi muito simples”, “não aprendia muita coisa”, “era tudo escondido”, “aprendi depois de casada”, “os meus pais sempre foram muito rígidos” e “sexo antes do casamento nem pensar”.

Percebe-se na fala das participantes a pouca informação obtida. Além da rigidez, existe também a presença da repressão e da moralidade sexual no discurso das mulheres rurais, sendo perpetuados por entre gerações os vários estigmas, preconceitos e dificuldades referentes à expressão da sexualidade feminina.

Com isso, segundo Santos (2008, p. 5) “é importante que a psicanálise prossiga com seu objetivo de oposição às normas que alienam o sujeito, causando debilidade ou adoecimento”, compreendendo a sexualidade em uma perspectiva histórico-cultural.

No que diz respeito às respostas dos sujeitos sobre o que entendem de sexualidade, elencaram-se 23 ocorrências, considerando que 1 obteve 7 indicações com proporção de 0,31 para a resposta “outros”; com 2 indicações e proporção de 0,09, foram as respostas “importante”, “sexo”, “não souberam responder”, “praticada entre duas pessoas que se amam” e “sexo não só por prazer”; e, com 1 indicação cada e proporção de 0,04, as respostas “deve ser vivida pelo casal”, “a vida sexual das pessoas”, “a relação em si”, “namoro” e “reprodução”.

Referente ao conceito de sexualidade, percebe-se pouco domínio quanto ao assunto das mulheres rurais. A sexualidade, para o público pesquisado, está associada ao fator meramente orgânico, vinculado ao ato sexual e à reprodução, uma visão bastante comum e reducionista. Isso é um reflexo da educação, da cultura e da religião dessas mulheres, o que influencia extremamente em tal temática. Segundo Giddens (2005, p. 117): “A visão dominante da igreja cristã era de que todo comportamento sexual é suspeito, exceto aquele necessário à reprodução.” Ainda em relação ao mesmo autor, destaca-se que: “No século XIX, as pressuposições religiosas sobre a sexualidade foram parcialmente substituídas pelas suposições médicas, porém possuíam tanto rigor quanto as visões da igreja. Alegavam que qualquer tipo de atividade sexual desassociada à reprodução causa sérios danos físicos.”

As mulheres rurais carregam resíduos dessa cultura, podendo ser um dos fatores significantes nas respostas delas quanto à sexualidade. Contudo, sabe-se que sexualidade, segundo o ponto de

vista da psicanálise, alude a algo muito mais amplo e complexo do que meramente o ato sexual ou reprodução, como já mencionado na introdução do presente trabalho.

Entretanto, verifica-se que há inúmeras maneiras de manifestação da sexualidade, não somente a feminina, mas a humana, considerando a singularidade e a história pessoal de cada um, uma vez que os padrões de sexualidade são criados e não inatos ao ser humano, lembrando que cada história é construída por meio de sedimentações e identificações sucessivas em diversos níveis, seja simbólico, imaginário ou fantasmático (CECCARELLI, 2000).

Em relação à visão dos sujeitos sobre a masturbação, foram obtidas 16 ocorrências. Com 5 indicações e proporção de 0,29, foi elencada a resposta "horrrível", com 2 indicações e proporção de 0,11, a resposta "sempre ajuda"; e, com uma indicação e proporção de 0,06, foram "é contra", "complicado falar", "não pensa", "não faz", "depende de cada um", "sentir-se bem durante o ato sexual", "não respondeu", "satisfação na ausência de um parceiro", "não se realiza" e "é correto".

Quanto à masturbação, algumas mulheres já quebraram muitos dos preconceitos e mitos que envolvem o assunto ligado a essa temática, como citado por algumas das pesquisadas, referindo-se à masturbação como "é correto", "sentir-se bem durante o ato sexual" e também "satisfação na ausência de um dos parceiros"; porém, foi encontrado ainda, bastante preconceito e resistência referente a tal prática, verificado nas respostas de algumas das entrevistadas: "horrrível", "não penso", "não faço", "complicado falar", "é contra". Nota-se aqui uma ligeira desaprovação, dificuldade, preconceito, medo e tabu referente à masturbação. Sobre esta, Gualda e Ressel (2003, p. 85) relatam:

Ao mesmo tempo em que as mulheres insinuavam entender o que era, expressavam um desconhecimento a respeito do assunto, (masturbação) pois consideravam esta prática, relacionando-a a algo proibido, a algo errado, que poderia trazer prejuízos físicos e psicológicos.

Nesses discursos, vê-se a religião e a cultura mais uma vez predominantes na maneira em que as mulheres rurais expressam a própria sexualidade. Recorrendo ao trecho de Santos (2008, p. 7), fica evidente a influência cultural. "A masturbação considerada pela Igreja como "uma grave desordem moral" por tratar-se do uso associada a estas atividades, poderia resultar na involução da vida sexual a formas infantis."

Dessa forma, observa-se que a concepção de masturbação vem sendo marcada como tabu por se referir à concepção cristã, de pecado, anormal; preconceito ainda muito presente no discurso das mulheres entrevistadas, que por muito tempo negligenciaram sua sexualidade em detrimento à cultura e/ou à moral preestabelecida.

4 CONCLUSÃO

A educação reprimida que obtiveram, seguindo os padrões da moral estabelecidos na maioria pela cultura da época, denota que o público estudado possui informações restritas relacionadas à sexualidade, demonstrando dificuldade em se expressar, chegando, muitas vezes, a negligenciar a própria sexualidade em detrimento à moral e aos bons costumes. Outro dado apontado na pesquisa foi quanto ao nível de escolaridade, o qual não alterou ou modificou a maneira em que as mulheres rurais expressam a própria sexualidade.

Verifica-se, ainda, a influência da religião na educação das mulheres rurais como fator contundente para a formação de diversos mitos, preconceitos e tabus que permeiam o universo feminino rural. Assim, é preciso uma educação sexual que venha a questionar aspectos de uma sexualidade construída histórico-culturalmente e contribua para mudanças positivas relacionadas à sexualidade, permitindo vivê-la integralmente, considerando-a um fator inerente a todo ser humano.

Muitos dos mitos e tabus poderiam ser superados se a educação fosse mais aberta e menos controladora. Por isso, é preciso conversar e discutir criticamente estereótipos e conceitos a respeito da sexualidade, que há muito tempo têm sido repressores e controladores.

Para Dinis e Asinelli-Luz (2007), a educação sexual significa problematizar a sexualidade, “[...] oferecendo conhecimentos para que esta seja entendida como aspecto histórico-cultural, e para que os discursos normativos que regem as construções de nossas imagens do masculino e do feminino, bem como as diversas imagens de ter prazer com o próprio corpo e/ou com o corpo do/a outro/a, sejam desconstruídos, permitindo novas experiências relacionadas à sexualidade.”

Ainda os mesmos autores, no artigo Educação sexual na perspectiva histórico-cultural, relatam que apesar de alguns avanços, elementos de uma cultura repressiva parecem ainda sobreviver nos discursos religiosos ou familiares que se posicionam contra a perspectiva de uma educação sexual.

Com isso, faz-se necessário um olhar mais amplo da Psicologia voltado ao público rural, que por muito tempo foi negligenciado dos cuidados psicológicos. Igualmente percebe-se uma demanda expressiva para o trabalho do psicólogo na área rural, podendo contribuir com conhecimento, informação, educação e orientação, trabalhando principalmente com a subjetividade, não somente da mulher rural, mas de toda a população do campo.

Também é preciso colaborar para a formação de pensamento crítico a respeito de diversos assuntos, como a sexualidade, para que preconceitos, tabus, medos e crenças errôneas sejam superados, contribuindo com uma melhor qualidade de vida e bem-estar, além de proporcionar especialmente à mulher rural maior espaço e visibilidade para alcançar a autoexpressão em um meio machista e preconceituoso, que comumente controla os indivíduos na sociedade, criando os estereótipos.

REFERÊNCIAS

BOCH, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias. Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1999. 359 p.

CALDERELLI, Paulo Roberto. **Dicionário Enciclopédico, Psicologia Geral**. 1. ed. São Paulo: Formar, 1972. 763 p.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Sexualidade e preconceito. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 18-37, set. 2000. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/set0/2.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2010.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 30, p. 77-87, set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 fev. 2010.

DOMINGUES, Mariana Rosa Cavalli. **A Feminilidade e a Mulher na Obra de Sigmund Freud**. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia)—Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: <http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/13/TDE-2009-07-15T150453Z-2199/Publico/2244.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2010.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 598 p.

GUALDA, Dulce Maria Rosa; RESSEL, Lúcia Beatriz. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 82-87, set. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342003000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1 mar. 2010.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **A Mulher Sexualmente Feliz**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 308 p.

SANTOS, A. B. R. A "descoberta" freudiana e o modelo de Moral Sexual da Igreja Católica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 3., 2008, Niterói; CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 9., 2008, Niterói. **Anais...** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008. Disponível em: <<http://www.psicopatologiafundamental.org>>. Acesso em: 15 maio 2010.

SANTOS, Sueli Souza dos. **Sexualidade e Amor na Velhice**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003. 108 p.

VASQUEZ, Gislayne C. Figueiredo. A Psicologia na Área Rural: Os Assentamentos da Reforma Agrária e as Mulheres Assentadas. **Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 856-867, dez. 2009. Disponível em: <http://www.pepsic.bvssi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414_98932009000400015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2010.

